

## A CONSTRUÇÃO DE (RE)EXISTÊNCIAS NA PSICOLOGIA A PARTIR DE MULHERES PRETAS PSICÓLOGAS

TAINÁ VALENTE AMARO<sup>1</sup>;  
AMANA ROCHA MATTOS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade do Estado do Rio de Janeiro – tainaamaro88@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro – amanamattos@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como inquietação mapear e compreender as trajetórias e estratégias de (re) existências que têm sido criadas por psicólogas negras da cidade do Rio de Janeiro, assim como, perceber de que forma o racismo incide sobre a construção de suas humanidades. Nele busco construir novos conhecimentos através e nas relações com meus pares, assumindo o desafio também de repensar e refletir sobre a minha própria prática e construção enquanto pesquisadora.

Como objetivo procuro analisar quais estratégias de (re)existência têm sido criadas coletiva e individualmente por essas mulheres negras psicólogas diante a uma profissão elitizada e que segue lógica colonial de subalternização de pessoas negras.

O racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural (MUNANGA, 2003). No Brasil, a raça branca tem poder e dominação política e é considerada essencialmente superior, enquanto as raças não brancas são consideradas essencialmente inferiores.

Bairros (1995) destaca que para pessoas negras é necessário questionar também a sustentação do patriarcado não apenas porque a dominação patriarcal corrobora com relações de poder nas esferas pessoal interpessoal e íntimas, mas também porque o patriarcado se sustenta em bases ideológicas semelhantes às que permitem a existência do racismo, a crença na dominação construída com base em noções de inferioridade e superioridades.

Outro braço do racismo é o epistemicídio, teorizado principalmente por Sueli Carneiro, é a imposição e valorização de um conjunto de conhecimentos, eurocêntricos, brancos, masculinas, que então passa a ser hegemônico e visto como universal, enquanto outros conjuntos de conhecimentos, são invisibilizados, discriminados e desqualificado ou mesmo absorvido, utilizados apropriados, roubados e utilizados como se fossem criados por pessoas brancas (CARNEIRO, 2011).

Para Akotirene (2018) a interseccionalidade nos auxilia a compreender a inseparabilidade estrutural do racismo, cisheteropatriarcado, capitalismo e as articulações decorrentes desses sistemas, que imbricados repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas. A autora alerta também sobre o esvaziamento do termo, uma vez que para falar sobre interseccionalidades é necessário trabalhar a origem das opressões e propostas epistemológicas de mulheres negras.

Atualmente o que tange aos cursos de Psicologia em universidades públicas, eles são planejados e ofertados em turno integral ou diurno, dificultando o ingresso de pessoas que necessitam trabalhar para a manutenção da própria formação, especialmente de mulheres pretas. A psicologia foi, e ainda é

considerada um locus da branquitude, um campo profissional potencializador do processo de desumanização e inferiorização de pessoas pretas, no momento em que nega e exclui e suas epistemologias e reproduz o modelo ocidental de ser e estar no mundo enquanto padrão de normalidade.

Neste contexto, a psicologia possui dados importantes para as teorias de gênero/sexo, pois é uma profissão exercida predominantemente por mulheres, totalizando 84,7% (CFP, 2018). Porém poucos questionamentos e discussões são feitos sobre a raça/cor dessas psicólogas. Nos últimos dados do Conselho Federal de Psicologia 67% das psicólogas brasileiras entrevistadas afirmaram ser de raça ou cor branca, 28% se declararam negras (pretas e pardas), 3% amarela e 1% indígenas (LHULLIER; ROSLINDO, 2013).

No I Encontro Nacional de Psicólogos/as Negros/as e Pesquisadores/as sobre Relações Interraciais e Subjetividade no Brasil (PSINEP), em 2010, os/as participantes elaboraram uma carta aberta onde apontam o desinteresse da psicologia brasileira pela temática das questões raciais e ressaltam que suas práticas atuais demonstram omissão frente aos aspectos subjetivos decorrentes dos mecanismos de violência sistemática operada pelo racismo.

Ressalta-se a importância do envolvimento da psicologia no campo político, profissional e acadêmico para a superação da sua condição racista e elitista, e sua responsabilidade ética na produção de conhecimento sobre os impactos do racismo sobre as dimensões psíquicas e sociais de homens e mulheres negros/as. Assim, é imprescindível fomentar as discussões sobre raça dentro da psicologia brasileira, pela pouca produção de trabalhos na área científica sobre essa temática e como forma de contribuir para uma maior visibilidade e reflexão dos efeitos psicossociais do racismo como fatores de sofrimento psíquico.

As poucas produções sobre raça na Psicologia parte principalmente de intelectuais negras e é elas que destaco, pois como aponta Audre Lorde (1979) “as ferramentas do Senhor nunca vão desmantelar a casa grande” a autora discute a importância de avaliar criticamente as ferramentas teóricas e técnicas que estão à disposição na academia, analisando o que realmente serve a emancipação e na engabelação.

A intelectual negra não é uma condição atrelada a títulos acadêmicos, pode ser inclusive alguém que não teve educação formal mas que desenvolve análises utilizando epistemologias próprias, que inclusive desafia as próprias bases do discurso intelectual padrão. Como a produção de Conceição Evaristo (2008) que cunha o termo escrevivência de mulheres negras para descrever o estilo de expressão e resistência baseado nos referenciais próprios.

O lugar social destinado às pessoas negras na sociedade brasileira são os sub-empregos. À mulher negra destina-se a profissão de doméstica, a criação da mulata e da doméstica fez-se a partir da figura da mucama, a doméstica nada mais é do que a mucama permitida a dar prestações de bens e serviços E é nesse contexto que podemos constatar que somos sempre vistas como domésticas, independente da classe social que estamos, espera-se sempre que estejamos para servir as pessoas brancas. (RIBEIRO, 1995).

E, na medida em que subimos degraus, alcamos voos, chegamos a espaços não destinados a nós, como a academia e o curso de Psicologia, o racismo torna-se evidente nas oportunidades ou ausência de oportunidades tanto acadêmicas quanto profissionais vivenciadas por mulheres pretas psicólogas. Racismo evidenciado durante o acesso ou no não acesso a lugares, espaços, territórios que historicamente possuem hegemonia branca, e na imposição de “ser a melhor”, uma vez que mulheres que não se encaixam no padrão hegemônico eurocêntrico de corpo e não se encaixam no estereótipo hegemônico de psicóloga

- de mulher branca, se obrigam a ocupar uma posição de destaque, pois a todo momento as práticas racistas ressaltam que esse não é um lugar delas, para permanecerem precisam ser “melhores”.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de mestrado de caráter qualitativa, cuja análise será realizada a partir de teorias interseccionais negras (CRENSHAW, 2002). Inicialmente foi realizado o mapeamento das redes/coletivos existentes e atuantes no Rio de Janeiro. Posteriormente serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com mulheres negras psicólogas participantes destes movimentos.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Algumas iniciativas marcaram a organização de psicólogos negros em âmbito nacional, como a Articulação Nacional de Psicólogos(as) Negros(as) e Pesquisadores(as) Sobre Relações Raciais e Subjetividade, que realizou o I Encontro Nacional de Psicólogos(as) Negros(as) e Pesquisadores(as) sobre Relações Interraciais e Subjetividade no Brasil, em São Paulo no ano de 2010 - PSINEP. Assim como: A Rede Dandaras - rede de saúde voltada ao acolhimento de mulheres pretas - com intuito de articular, fortalecer a rede e promover saúde entre as mulheres pretas, a qual criou no ano de 2017 um Mapeamento de Psicólogas Negras no Brasil; o Grupo público no Facebook, Afro Terapeutas, que possui mais de mil membros - criado como uma rede de profissionais e estudantes pretas e pretos atuantes na área da saúde, o grupo possui anúncio de centenas de pessoas pretas divulgando e procurado serviços psicológicos.

No Rio de Janeiro temos: a rede PapoPretas com o foco na saúde e bem-estar da mulher preta, que se propõe a fazer um trabalho psicoterapêutico unindo a estética e estratégias de enfrentamento ao racismo; O espaço Terapretas Terapias Naturais do Rio de Janeiro, que possui um grupo de mulheres pretas psicólogas, onde além do atendimento clínico, realizam práticas não convencionais de saúde; o Coletivo Negro Conceição Chagas de Psicologia da Baixada Fluminense, criado por sete profissionais psicólogos e psicólogas negros/as, moradores e atuantes de diversos locais da Baixada Fluminense, como Duque de Caxias, Belford Roxo e Nova Iguaçu; e O Com-por Pretas é uma proposta de cuidado terapêutico de mulheres negras para mulheres negras, onde os sofrimentos singulares endereçados a nós, possam ter um outro olhar, escuta e acolhimento.

## 4. CONCLUSÕES

Mesmo diante de adversidades e sofrimentos produzidos pela matriz colonial de poder que insiste em nos impor a não-humanidade, (re)existimos e criamos estratégias de afirmação de nossa presença preta na universidade, na clínica, em todos os espaços que julgamos necessário. (Re)existimos com a força do coletivo, da família, da comunidade. A partir de questionamentos sobre a presença de pessoas pretas no campo da Psicologia, psicólogos e psicólogas pretas foram construindo espaços e redes para pensar e discutir sobre uma Psicologia Antirracista e que considere elementos tradicionais da matriz civilizatória africana como promotoras de saúde mental, como refere Alves (2012).

Estas redes, em sua maioria iniciativas de mulheres pretas, sinalizam que psicólogos e psicólogas pretas estão se voltando para a saúde da população

preta e que clientes/pacientes pretos e pretas têm, cada vez mais, buscado atendimento com profissionais pretos. Articulações em rede que podem potencializar o compartilhamento de informações e a articulação política e científica no campo da Psicologia.

Não obstante, necessitamos de estudos sobre essas redes e seus processos organizativos, seus significados e pertinência no cuidado com a saúde mental da população preta, bem como, sobre as trajetórias de homens e mulheres pretas que passaram a constituir-las. Estudos protagonizados por pesquisadores e pesquisadoras pretas, cujo propósito seja subverter a lógica colonial da ciência moderna – que sempre nos colocou no lugar de objeto de estudo –, com vistas construir uma relação sujeito-sujeito na produção do conhecimento.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Rio de Janeiro: Editora Letramento, 2018.
- ALVES, Míriam Cristiane. Desde Dentro: Processos de Produção de Saúde em uma Comunidade Tradicional de Terreiro de Matriz Africana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Psicologia, Rio Grande do Sul, 2012.
- BAIRROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, ano 3, nº 2, 1995, pp.458-463 [https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16462/15034].
- CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdades no Brasil. São Paulo. Selo negro, 2011.
- CFP - Conselho Federal de Psicologia. Resolução. A Psicologia brasileira apresentada em números. Infográfico desenvolvido pela Gerência de Tecnologia da Informação do CFP. Disponível em: <<http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>>. Conselho Federal de Psicologia - CFP. A Psicologia brasileira apresentada em números. Disponível em: <<http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>>. 2018.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.
- LHULLIER, L.A; ROSLINDO, J.J. As psicólogas brasileiras: levantando a ponta do véu. In: LHULLIER, L.A. **Quem é a Psicóloga Brasileira: mulher, psicologia e trabalho**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, CFP, 2013, 19 - 52. Disponível<[http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/07/Quem\\_e\\_a\\_Psicologa\\_brasileira.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/07/Quem_e_a_Psicologa_brasileira.pdf)>.
- LORDE, Audre. As ferramentas do mestre nunca irão desmantelar a casa do mestre. Conferência do New York University Institute for the Humanities (1979). In: Geledés, 2013. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/mulheres-pretasas-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-desmantelar-a-casa-do-mestre/#gs.3XxhJVs>.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia, III Seminário Nacional sobre Relações Raciais e Educação-Penesb, Rio de Janeiro, 2003.